

Folha de S. Paulo

16/5/1984

Revolta de bóias-frias provoca destruição e morte

A pequena cidade de Guariba, com 25 mil habitantes e distante 365 km a noroeste da Capital, na região de Ribeirão Preto, virou ontem de manhã uma verdadeira praça de guerra, quando uma multidão de bóias-frias invadiu, incendiou e demoliu dois prédios da Sabesp, ateou fogo a três veículos, depredou e saqueou um supermercado e danificou uma casa. Houve violentos choques com a Polícia Militar. No final, uma pessoa morreu baleada e 29 ficaram feridas, das quais 14 a bala.

Dois motivos contribuíram para a revolta dos trabalhadores rurais. O principal foi a decisão dos usineiros de mudar o sistema de corte de cana de açúcar, o que reduziu o rendimento dos cortadores. A outra causa são os constantes aumentos das taxas de água.

No final da noite de ontem, os usineiros aceitaram atender as reivindicações dos bóias-frias, ou seja, o retorno imediato do sistema de corte por cinco ruas e não sete. A decisão foi tomada em reunião dirigida pelo secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto Pinto, na sede do Sindicato Rural de Jaboticabal. Nova reunião será realizada na segunda-feira.

"Dia negro"

Na noite da última segunda-feira, véspera do incidente — no bar do 'Baianinho', de propriedade do vice-prefeito João Evangelista, muita gente comentava que o 'dia negro' seria esta terça-feira", afirmou ontem um trabalhador da usina São Martinho.

Sem querer se identificar, temendo represálias e dizendo-se "funcionário de segurança da usina", ele assegurou que "neste bar, o próprio vice-prefeito instigava os trabalhadores rurais a pararem o trabalho no dia seguinte".

Na manhã de ontem, os caminhões foram recolher em vários pontos da cidade cerca de 10 mil trabalhadores rurais para conduzi-los às usinas. Mas, ao chegarem nos trevos de saída da cidade, os motoristas eram obrigados a parar por causa dos piquetes. E a maioria dos bóias-frias retornou ao centro para realizar uma manifestação.

Por volta das 7h30, o prédio que abriga o escritório da Sabesp, localizado junto à praça Cônego Celso Bastos Cortês, era invadido por um grupo estimado de cem pessoas, que jogou máquinas e papéis pelas janelas.

Em seguida, revoltados e reclamando contra as altas taxas que vem sendo cobradas pelos serviços de água e esgoto, os invasores atearam fogo ao prédio. Com as chamas ainda ardendo, os manifestantes começaram a derrubar as paredes e o telhado.

Dali, a multidão — agora já estimada em mais de mil pessoas — seguiu até o depósito da Sabesp, que fica localizado há alguns quarteirões do centro. Além de destruírem todas as suas dependências, incendiaram um caminhão Mercedes-Benz e uma camioneta Chevrolet, da empresa.

Chega a polícia

Quando tudo parecia estar sob controle, chegaram os policiais militares, sob o comando do major Fábio, da guarnição em Araraquara. Agrupados junto à igreja Matriz, os policiais começaram a jogar bombas de gás lacrimogêneo contra as pessoas que retornavam do depósito da Sabesp. Poucos minutos depois, eram ouvidos os primeiros disparos e

apareceram os primeiros feridos. "Se a polícia não tivesse chegado — denunciou o presidente do sindicato rural da cidade, Benedito Vieira de Magalhães — nada disto teria acontecido, pois o povo já estava calmo".

Os policiais atiravam para qualquer lado e um disparo quase atingiu ao jornalista Wilson Toni, da Rádio Ribeirão Preto. "O que aconteceu foi uma tragédia provocada pela precipitação dos policiais", afirmou.

O metalúrgico aposentado Amaral Meloni, que não participou das manifestações, foi morto com um tiro na cabeça, quando estava sentado junto as escadarias do estádio municipal.

Saques

Quando uma ambulância do Sindicato dos Cortadores de Cana de Guariba recolheu o corpo de Amaral Meloni, o tumulto aumentou de proporções e os trabalhadores rurais investiram contra as tropas de choque. Em seguida, o supermercado Amorim era depredado e saqueado.

A casa do proprietário do supermercado — Cláudio Amorim, presidente do diretório local do PMDB — também foi depredada e uma Kombi do supermercado, incendiada.

No hospital regional de Guariba foram atendidos 20 baleados e outros 9 foram encaminhados para hospitais de Ribeirão Preto. Segundo o diretor clínico do hospital, Pedro Augusto Beltrão, "o que fizemos foi milagre, pois ficamos sem luz e sem água. Não tivemos condições de fazer sequer um raio X, embora ninguém tenha ficado sem atendimento".

Dois policiais militares também foram atendidos no hospital, sendo que um deles, tenente Quércia, teve fratura na clavícula, provocada por uma bala.

A cidade de Guariba ficou totalmente sem os serviços de água e luz durante o dia. O corte da água ocorreu porque foram encontradas duas embalagens de BHC e uma de formicida Dinagro. Uma amostra da água foi enviada à Araraquara para análise.

Cidade sitiada

Guariba, depois de um dia dramático está sitiada pela Polícia e pode voltar a explodir novamente hoje. Apesar da aparente tranquilidade das ruas centrais, nos bairros o clima é de muita tensão. Entre 150 e 200 policiais (vindos de Ribeirão Preto, Araraquara, Bebedouro, Jaboticabal e outras cidades vizinhas) vigiam a cidade. No bairro do Alto, onde moram mais de dois mil bóias-frias, a Polícia patrulha ruas e casas fortemente armada.

A igreja São Mateus, localizada na praça central da cidade, celebrou ontem à noite a rotineira missa das 7 horas, mas nem a celebração litúrgica conseguiu disfarçar o clima tenso que Guariba vive. Por volta das 20 horas, um carro do Sindicato dos Trabalhadores passou pelas ruas centrais informando que hoje cedo, às 7h30, haverá uma assembléia para decidir o que será feito. Corriam boatos à noite de que se os usineiros não atendessem as reivindicações os 11 supermercados e 200 lojas poderiam ser depredadas e saqueadas.

As ruas centrais, ontem à noite, que sempre apresentam grande movimento, estavam bastante desertas. Por volta das 20 horas, o prefeito Evandro Vitorino recebeu a informação de que um dos canais da Usina São Carlos teria sido incendiado. "Deus nos ajude", comentou.